

DINHEIRO DE FORA

No ano, emissões de empresas no exterior já superam total de 2022

VITOR DA COSTA

vcosta@globo.com

Após um 2022 considerado fraco, o mercado de dívida externa sinaliza recuperação este ano, com uma percepção mais positiva do Brasil lá fora. Mesmo aquém das expectativas iniciais, as companhias brasileiras que fizeram emissões registraram uma demanda elevada por seus títulos, o que ajudou a aumentar o volume das operações e reduzir o custo de financiamento. A tendência, segundo análises, é que as captações continuem a ganhar tração, especialmente a partir de setembro.

Desde janeiro, seis empresas, entre as quais Petrobras, Vale e Banco do Brasil (leia mais na página 14), captaram no exterior, em um total de US\$ 5,85 bilhões. Quando se considera a emissão feita pelo Tesouro Nacional em abril, são US\$ 8,10 bilhões.

No ano passado inteiro, o volume levantado por empresas nesse tipo de emissão

foi de US\$ 5,545 bilhões, segundo dados da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima). O total de 2023, no entanto, deve seguir abaixo de anos anteriores — entre 2019 e 2021, por exemplo, os volumes ficaram acima de US\$ 20 bilhões.

OLHOS NOS TREASURIES

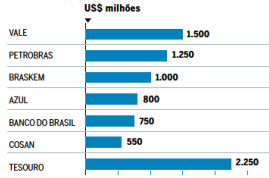
A volatilidade no mercado dos títulos americanos, os Treasuries, foi um dos fatores a impedir que houvesse mais operações. O custo de captação dessas empresas é o somatório da taxa dos Treasuries com o spread de crédito das companhias.

Com os juros americanos mais altos, a tendência é que a emissão saia mais cara, o que faz com que as companhias pensem duas vezes antes de carregar aquele custo financeiro em seus balanços por um período longo de tempo.

—As dívidas em relação a quanto os Treasuries vão influenciar diretamente

OPERAÇÕES COM TÍTULOS

Volume de captações cresce



Fonte: Empresas, Tesouro e Anbima

Editoria de Arte

a decisão das empresas de esperar um pouco mais ou ir ao mercado. A expectativa de que a curva dos juros americanos está chegando a um teto, e a partir daí, tende a cair gerou esse movimento recente — explica o responsável pela área de emissão de dívida local e internacional do UBS BR, Samy Podlubny. No ano passado, com o ini-

cio do ciclo de alta de juros nos Estados Unidos e um cenário mais favorável a emissões no Brasil, o mercado de bonds ficou pouco atrativo.

No fim de julho, o Federal Reserve (Fed, o banco central americano) elevou os juros para entre 5,25% e 5,5% ao ano, maior patamar desde 2001, mas caminha para o fim do ciclo de aperto monetá-

rio. Com isso, as expectativas dos investidores começam a convergir para um cenário mais previsível.

Já no Brasil o Comitê de Política Monetária (Copom) fez o primeiro corte de juros em três anos no último dia 2, levando a Taxa Selic a 13,25% ao ano. Ainda que a curva de juros em relação aos EUA tenha ficado menor, continua em um patamar elevado.

PERCEPÇÃO ESTRANGEIRA

E a demanda por papéis brasileiros existe. O responsável pela área de mercado de capitais de dívida do Bank of America (BoFA), Caio de Luca, destaca que o investidor estrangeiro tem recursos para investir e os ativos brasileiros demonstram atração, como pode ser visto nas captações já concretizadas.

—O Brasil está em um ambiente econômico e político superfavorável para o investidor internacional. Temos um retorno das operações de capitais, e o prognóstico para

a janela de setembro é que seja bastante aquecida.

Naceminentem, também há sinais positivos. O arranjo do arcabouço fiscal, cuja votação final deve ocorrer este mês, a melhora na perspectiva do rating do Brasil pela agência de risco S&P, o aumento da nota de crédito pela Fitch (de "BB-" para "BB") e a aprovação da Reforma Tributária na Câmara ajudam a melhorar a percepção do estrangeiro sobre os ativos locais.

Depois do rating soberano, a Fitch elevou a nota em longo prazo de 19 empresas brasileiras de "BB" para "BB+", com perspectiva estável.

—A receptividade dos investidores para potenciais emissores brasileiros, sejam eles corporativos ou o Tesouro, aumentou pela confiança que o mercado tem tido com o risco-país. Foram bons sinais que foram passados ao mercado — diz o responsável pela área de mercado de capitais e renda fixa do Santander Brasil, Matheus Licarião.

Segundo Miguel Diaz, especialista da área de mercado de capitais e renda fixa do Santander, o investidor estrangeiro está aceitando um prêmio de risco mais baixo para comprar ativos brasileiros. Ele destaca o recuo dos *credit default swaps* (CDS), usados como parâmetro para indicar o risco de calote de um país.

—O CDS de cinco anos do Brasil, no começo do ano, era da ordem de 250 (pontos). Hoje, estamos falando de um número abaixo de 175.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 13